



## O papel dos Estágios Interdisciplinares de Vivência (EIVs) na formação profissional e na construção da agroecologia

*The role of Interdisciplinary Stages of Living (EIVs) in vocational training and in the construction of agroecology*

VATTATHARA, Saritha Denardi<sup>1</sup>, LOURENÇO, MarjanaHendges<sup>2</sup>, ZARNOTT, Alisson Vicente<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sarithadenardi@gmail.com; <sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Maria, marjana.lourenço@gmail.com; <sup>3</sup>Universidade Federal de Santa Maria, alisson.zarnott@gmail.com

### Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

**Resumo:** Os Estágios Interdisciplinares de Vivência têm sua origem em 1989, a partir de experiências já desenvolvidas pela Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil como alternativas ao modelo de formação universitária tradicional. A partir de princípios como a *não intervenção* e a *vivência coletiva*, os EIVs tem como objetivo aproximar os estudantes da realidade agrária brasileira e construir uma alternativa para a prática da extensão universitária e a Reforma Agrária. Este artigo procura evidenciar a centralidade do EIV de Santa Maria/RS na formação de profissionais críticos e envolvidos com a temática agrária e na construção da consciência agroecológica dentro e fora das universidades. A análise aponta que os EIVs cumprem um papel central na formação de profissionais críticos, que a partir da vivência da dura realidade de famílias no campo, passam a construir a agroecologia como alternativa à superação desse modelo excludente e degradante.

**Palavras Chave:** Extensão Universitária, Movimento Estudantil, Formação Universitária, Interdisciplinaridade, Movimentos Sociais.

**Keywords:** University Extension, Student Movement, University Formation, Interdisciplinarity, Social Movement.

### Introdução

A educação não deve ser compreendida fora de um contexto histórico social concreto. Por ser uma prática social é essencialmente política e ideológica, atuando no sentido de transmitir os modelos sociais, reproduzir a força de trabalho e difundir ideias. Segundo Da Ros (2004), na formação universitária brasileira predomina uma educação que transpõe técnicas e teorias baseadas em produções científicas de bases teóricas produtivistas e positivistas.

Esta condição alimenta a lacuna existente entre o que é produzido nas universidades e as reais demandas sociais de interesse de grupos historicamente excluídos e marginalizados do modelo de desenvolvimento rural adotado pelo país, como indígenas, quilombolas e camponeses. Segundo Garcia (2014), nas diversas tentativas de aproximação da universidade com a sociedade, a mesma sempre se manteve como sendo detentora do saber intelectual, elitizada e a serviço do capital industrial e mercadológico, negando muitas vezes o saber popular.



No estudo das ciências agrárias essas práticas refletem a herança deixada pela “modernização conservadora” da agricultura, implementada na década de 60, durante os governos militares, e baseada num pacote tecnológico composto pela política de crédito (financiamento), pela pesquisa “científica” (com a criação da EMBRAPA, por exemplo) e pela assistência técnica direcionada (através dos órgãos de extensão criados a partir de então) servindo diretamente ao capital internacional (DA ROS, 2004). Os cursos de Agronomia se tornam meios rápidos de difusão das inovações tecnológicas objetivando a modernização de médias e grandes propriedades e a consolidação do agronegócio como modelo hegemônico de produção.

Segundo Da Ros (2004), a partir dos anos 70, os estudantes de Agronomia organizados na Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) começaram a sentir a necessidade de entender criticamente o modelo de desenvolvimento agropecuário que se estava implantando no país. Buscou-se analisar as consequências do modelo para atuar pela melhoria da qualidade do ensino de Agronomia, aproximando-o mais da realidade e das necessidades dos trabalhadores e produtores rurais situados à margem do modelo de desenvolvimento rural adotado pelo país.

Nesse contexto são criados os Estágios de Vivência (EVs), com o objetivo de aproximar os estudantes da realidade agrária a partir da perspectiva de agricultores familiares e dos movimentos sociais, construindo uma consciência crítica em relação ao modelo do agronegócio e suas consequências negativas no meio ambiente e na vida da população. Orientados por princípios como a não intervenção, a vivência coletiva e a transversalidade do conhecimento, os estudantes poderiam, a partir de uma leitura da realidade concreta, formular seus conhecimentos técnicos e teóricos. Com uma metodologia bastante distinta do modelo de ensino tradicional e orientada pelos princípios da Educação Popular, os EIVs possibilitaram aos estudantes reconhecerem-se como sujeitos na construção e superação deste modelo, instigando-os a questionar a formação recebida, as ações da Universidade e a estrutura da sociedade.

O primeiro Estágio de Vivência ocorreu em Dourados - MS no ano de 1989, organizado pela FEAB em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), tendo um caráter disciplinar. Nos anos seguintes, devido ao crescente avanço das ocupações de terra e a consolidação dos assentamentos da reforma agrária, compreendeu-se a importância de diferentes profissionais atuarem no meio rural, levando os EVs a incorporar a interdisciplinaridade como princípio.

O Estágio Interdisciplinar de Vivência – EIV de Santa Maria teve sua primeira edição em 1998, surgido da necessidade de experiências regionalizadas dos EIVs (GARCIA,2014). Desde então, foram realizadas dezesseis edições do EIV - Santa Maria entre os anos de 1998-2004 e 2010-2019, abrangendo mais de 500 estagiários ao longo delas.



No IX EIV/SM participaram quarenta estagiários, estudantes de dezoito cursos, sendo eles: teatro, psicologia, geografia, serviço social, química, jornalismo, agronomia, relações internacionais, engenharia florestal, letras, saúde coletiva, ciências sociais, biologia, direito, terapia ocupacional, engenharia ambiental, comércio exterior e história. Atualmente, desses quarenta, quatro estão envolvidos com empresas cooperativas, sete estão cursando pós-graduação em extensão rural e agroecologia, três são concursados da EMATER e trabalham com desenvolvimento rural da região Norte do Rio Grande do Sul, uma está trabalhando com projetos indígenas, três se tornaram professores, dois são secretários em governos municipais e desenvolvem hoje parcerias com os agricultores familiares da região e uma trabalha com advocacia popular. Tendo em vista que, dos quarenta estagiários, vinte optaram trabalhar em prol de mudanças sociais e na esfera da agricultura familiar, evidencia-se o papel dos estágios de vivência: criar a ligação permanente entre o EIV e o compromisso em longo prazo com a luta social dos povos do campo, podendo assim, transformar as suas realidades.

Os EIVs organizados em Santa Maria são constituídos por três etapas, sendo estas: preparação, vivência e socialização. A etapa de *preparação* ocorre já no assentamento e é reservada a exposição dos estagiários a um conjunto de conhecimentos que contribuam na sua formação como também os prepare para a vivência no assentamento. A etapa de *vivência* é considerada a mais rica e importante do estágio, pois se trata do momento em que os estudantes são levados às famílias para acompanharem suas atividades. Este momento oportuniza a percepção da dinâmica social e dos principais problemas que afligem aquele grupo social em questão. Por fim, a etapa da *socialização* é um momento de reflexão e sistematização pessoal e coletiva das experiências vividas. As questões comuns que interferem na qualidade de vida dos assentados devem ser expostas e analisadas, assim como demais pontos de tensão e conflitos observados, já não numa lógica abstrata, mas com intuito de transformação.

Ao longo dos anos as articulações necessárias para a realização dos estágios levaram também a criação e ao fortalecimento de grupos dentro da universidade (institucionalizados ou não) com afinidade à pauta da Reforma Agrária e da construção da Agroecologia. Essas relações acompanham o fortalecimento e inserção de novos projetos de pesquisa e extensão nas universidades brasileiras, aproximando o debate também das salas de aula. A partir disso, intensifica-se o questionamento sobre o perfil profissional produzido pelo modelo atual dos cursos e abre-se a possibilidade de inclusão de novos conteúdos e disciplinas em suas bases formativas.

Este trabalho, portanto, busca, além da contextualização histórica do surgimento e construção dos Estágios Interdisciplinares de Vivência, evidenciar por meio de depoimentos, o caráter central que ele teve na formação e futura escolha profissional dos estagiários. Também se procura apontar sua importância no fomento da consciência agroecológica dentro e fora das universidades.



## Metodologia

Para a realização deste trabalho recorreu-se a revisão bibliográfica de textos e documentos já produzidos sobre os Estágios Interdisciplinares de Vivência e a coleta de depoimentos de estagiários que participaram no IX EIV/SM, todos estudantes da Universidade Federal de Santa Maria e que hoje são formados e atuam profissionalmente. Os depoimentos foram coletados por meio de correio eletrônico e caixa de mensagens em redes sociais.

Os depoimentos foram direcionados pelas mesmas questões que, por sua vez, buscavam compreender de que forma os Estágios Interdisciplinares de Vivência contribuíram para a mudança de percepção da realidade e da agroecologia de forma a abrir “horizontes” a partir de uma leitura mais crítica da estrutura social.

## Resultados e Discussão

A partir dos depoimentos coletados com a turma de estagiários do IX EIV/SM identificaram-se dois pontos centrais para a discussão: a Universidade enquanto espaço em disputa e a relação do EIV com a escolha da atuação profissional.

Ao retornarem à Universidade com uma visão crítica sobre sua estrutura e o direcionamento de sua formação profissional, os estudantes que participaram do EIV reconhecem a importância de disputar espaços dentro da Universidade com intuito de ampliar os conhecimentos através da problematização e da inserção de debates até então negados, como a reforma agrária e a agroecologia. Segundo a estagiária X:

*“O EIV foi uma ponte na vida por me mostrar que podemos analisar as coisas por outro ponto de vista, pela visão de quem mais sofre com o agronegócio. Por muito tempo pensei em como nossa formação é quadrada e só serve para reproduzir [...]. Quando retornamos fizemos uma reunião do Diretório Acadêmico para avaliar o EIV e começamos também a pensar sobre disciplinas que poderíamos ter no curso que dessem oportunidade para que mais pessoas tivessem acesso a esse assunto tão importante.”*

Assim, o relato pessoal sobre esse retorno leva também a criação de novas demandas de organização e pesquisa dentro da universidade, fazendo com o que o EIV não se constitua como um estágio cujos efeitos são pontuais e locais. Pelo contrário, o estágio impulsiona a transversalidade e a continuidade do debate em torno da questão agrária, fazendo com que outras áreas se aproximem dele, ampliando sua condição de estudo e transformação.

Também fica evidente a sensibilização dos estagiários com a pauta da Reforma Agrária, e com a agroecologia, como uma alternativa ao modelo produtivista do agronegócio, o que influenciou decisivamente as futuras opções profissionais dos estagiários. Podemos observar isso no relato da estagiária Y que diz que



*Quando entrei na engenharia florestal achava mesmo que era só o que os professores falavam. Depois do EIV mudei totalmente minha visão, e passei a estudar sistemas agroflorestais. Hoje sou estudante de um curso de especialização na Universidade Federal do Acre, e trabalho com o que gosto [...] Com certeza foi o EIV que me apresentou a possibilidade de mudar, de produzir alimentos saudáveis e formas de manejo de florestas diferentes.*

Assim, o debate sobre a questão agrária e a construção da agroecologia ganha força também fora da instituição a partir do momento em que os estudantes buscam também no mundo do trabalho, propostas alternativas, encontrando ONGs, cooperativas e os próprios movimentos sociais como campo de atuação profissional.

## **Conclusão**

A partir do resgate histórico e da análise das informações coletadas nos depoimentos de egressos conclui-se que o Estágio Interdisciplinar de Vivência vem sendo um instrumento fundamental para a construção do debate da Reforma Agrária dentro das universidades, não por um viés acadêmico, mas pelo molde da educação popular, que permite a transformação do saber ao longo das mudanças das dinâmicas sociais.

Assim fazendo, o EIV, proporciona uma formação profissional diferenciada, mudando a trajetória de quem participou e construiu o estágio e ampliando o número de estudantes que se deparam com a realidade e com a agroecologia e vislumbram nesta uma alternativa aos problemas acarretados pelo modelo de produção hegemônico hoje no Brasil.

As juventudes e os movimentos sociais protagonizam ao longo dos anos a realização dos EIVs, e estes, por sua vez, têm contribuído para a formação de profissionais críticos e engajados na transformação da dura realidade em que vivem muitas famílias de agricultores.

## **Agradecimentos**

Agradecemos à todas e todos os estudantes e militantes que já se engajaram na construção dos Estágios Interdisciplinares de Vivência, tornando possível esse trabalho hoje.

Agradecemos ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por compartilharem suas experiências e vidas conosco, estando sempre abertos ao diálogo e a construção coletiva dos estágios.

Agradecer, por fim, todas as pessoas que se desafiam diariamente a lutar por um mundo mais humano, solidário e justo.



## Referências

DA ROS, C. A. **Aspectos históricos do surgimento e expansão dos estágios interdisciplinares de vivência no movimento estudantil.** In: Cartilha da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, 2004.

GARCIA, Gabriela Viero. **Estágios Interdisciplinares de Vivência como espaço de emergência do mundo da vida.** 2014. 193 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria.